

A internacionalização da Uningá Review e as normas da APA

Aline Miyuke **Miyamoto**^{ID}, Crislene Santana Rodrigues da **Silva**^{ID}, Isaac **Romani**^{ID}*

Editora Uningá, Uningá – Centro Universitário Ingá, Maringá, PR, Brasil.

*editora.uninga@uninga.edu.br

A partir de seu início, em 2010, a Uningá Review (doravante, UR) vem passando por adaptações como parte do processo de consolidação/internacionalização e, como resultado, a revista conseguiu agregar ao seu desenvolvimento ações relacionadas ao acesso, à divulgação/distribuição e à visibilidade das publicações no ambiente da sociedade científica, alinhadas às práticas de *Open Science* (Ciência aberta).

O primeiro aspecto importante para a internacionalização de um periódico é a sua indexação em bases de dados/diretórios. A UR encontra-se indexada atualmente nas seguintes plataformas: EBSCOhost – Fonte Acadêmica, Latindex, Diadorim, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes e *Directory of Open Access Journals* (DOAJ). Essas bases de dados definem critérios de qualidade para indexação dos periódicos, sendo assim, ser indexado implica certificado de notoriedade atestado pela comunidade internacional (Fleury, 2022).

A indexação de um periódico potencializa a sua visibilidade e, conseqüentemente, conduz ao aumento no número de citações dos artigos científicos publicados. Com base na quantidade de citações que os artigos recebem em um período, obtém-se o fator de impacto, critério fundamental de qualidade em uma publicação científica. Até o presente momento, a UR não possui JCR (*Journal Citation Report*) e nem SJR (*Scientific Journal Rankings*). No quadriênio 2013-2016, o periódico obteve estratificação B4 pelo sistema Qualis Periódicos. Atualmente, apresenta índice h5 Google acadêmico – 9 e Cite Factor – 1.04 (2020-2021).

Outro passo essencial é enquadrar-se às normas de internacionalização, pois os maiores indexadores já estão nesse formato e, com isso, ampliam ainda mais o acesso ao conhecimento e às informações de fontes seguras. Como exemplo, o Portal de Periódicos criado pela Capes em 2000, que já se tornou um dos maiores acervos de periódicos e oferta publicações científicas e tecnológicas produzidas internacionalmente.

Assim, em janeiro de 2021, a UR adotou a publicação bilíngüe (em português e em inglês), uma vez que, em um mundo cada vez mais globalizado, o acréscimo da língua estrangeira derruba mais uma barreira para acessibilizar. Publicar os artigos em língua inglesa é considerado uma das medidas mais relevantes no processo de internacionalização, faz parte da estratégia para potencializar

a divulgação e a distribuição desses trabalhos tanto no Brasil como no exterior (Antunes, Barros & Minayo, 2019).

Fiorin (2011) afirma que um dos fatores apontado como medidor de excelência da produção científica é seu nível de internacionalização. Tendo isso em mente, com o intuito de internacionalizá-la, em janeiro de 2022, a revista aderiu às normas da Associação Americana de Psicologia (do inglês, *American Psychological Association* – doravante, APA), em busca de ter maior alcance para as publicações.

A APA é uma organização fundada em julho de 1892 por um grupo de profissionais interessados naquilo que chamaram de “the new psychology” (A nova psicologia). Em seu começo, contava com 31 participantes, entretanto cresceu rapidamente depois da Segunda Guerra Mundial. Nos dias de hoje, é a maior organização científica de Psicologia dos Estados Unidos, com mais de 121.000 profissionais, incluindo consultores, educadores, pesquisadores, clínicos, estudantes, além dos próprios membros (American Psychological Association, 2008).

Essas normas surgiram em 1929, publicadas no formato de manuscrito, intitulado “Instructions in regard to preparation of manuscript”. Esse manual foi produzido por administradores de empresas, antropólogos e psicólogos, a fim de montar um guia para ajudar na estruturação de artigos científicos e também para padronizar tabelas, figuras e referências, com a intenção de auxiliar na composição desses (Bentley et al., 1929).

Depois desse primeiro material, ditas diretrizes contaram com acréscimos e atualizações, estando em sua sétima edição. Essas modificações precisaram ser realizadas por causa do refinamento de análises causado pela implementação de novas tecnologias e a propagação dessas em diversos meios na internet (American Psychological Association, 2012).

Com a “nova” normalização adotada, busca-se alcançar mais pesquisadores, de modo que haja maior disseminação do conhecimento científico, consonante ao pensamento alinhado à “Ciência aberta”. Packer e Santos (2019) descrevem que a adoção da Ciência Aberta “pleiteia uma transformação considerável [...] do tradicional *modus operandi* de fomentar, projetar, realizar e, particularmente, comunicar pesquisa”, uma vez que “o objetivo é privilegiar a natureza colaborativa da pesquisa e democratizar o acesso e uso do conhecimento científico.”

Ainda, vislumbram-se desafios díspares aos encontrados até agora para a UR, pois há o intuito de atingir integralmente a sua internacionalização. Espera-se que isso traga novas oportunidades. Faria (2017) relata que o grande desafio da internacionalização, além do uso da língua inglesa, é a qualidade dos artigos publicados, a parceria de nativos com autores falantes de inglês como língua materna, assim como a composição de um corpo editorial internacional.

Frente a essas importantes conquistas, tais como internacionalização e adesão à Ciência aberta, a UR convida todos os pesquisadores para submeterem seus manuscritos. Trata-se de uma revista multidisciplinar, que publica artigos originais, relatos de caso/experiência e revisões de literatura, nas seguintes seções: a) Ciências Agrárias e Meio Ambiente, b) Ciências Exatas, da Terra e Engenharias, c) Ciências Sociais e Humanas.

REFERÊNCIAS

- American Psychological Association. (2008). *APA History*. Recuperado de: <https://www.apa.org/about/apa/archives/apa-history>
- American Psychological Association. (2012). *Manual de Publicação da APA*; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Maria Lucia Tiellet Nunes. 6. ed. – Porto Alegre: Penso.
- Antunes, J. L. F., Barros, A. J. D., & Minayo, M. C. S. (2019). Caminhos da internacionalização dos periódicos de saúde coletiva. *Saúde em Debate*, 43(122), p. 878.
- Bentley, M., Peerenboom, C. A., Hodge, F. W., Passano, E. B., Warren, H. C., & Washburn, M. F. (1929). Instructions in regard to preparation of manuscript. *Psychological Bulletin*, 26(2), pp. 57–63.
- Capes. (2007). *A importância de se adaptar às normas de internacionalização*. Recuperado de: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/blank-35496251>
- Farias, S.A. (2017). Internacionalização dos periódicos brasileiros. *RAE*, 57(4), pp. 401-404. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020170409>
- Fleury, H. J. (2022). Internacionalização do psicodrama brasileiro. *Rev. Bras. Psicodrama*, 30(e0522), pp. 1-3. doi: https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.555_PT
- Fiorin, J. L. (2011). Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 4(8), pp. 263-281.
- Packer, A. L., & Santos, S. (2019). Ciência aberta e o novo modus operandi de comunicar pesquisa – Parte I [on-line]. *SciELO em Perspectiva*. Recuperado de: <https://blog.scielo.org/blog/2019/08/01/ciencia-aberta-e-o-novo-modus-operandi-de-comunicar-pesquisa-parte-i/#.YiH9QujMLcd>